

Mobilização Kaingang para a Copa 2014 – notas etnográficas a partir de Porto Alegre

Herbert Walter Hermann e Arlei Sander Damo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2042>

DOI: 10.4000/pontourbe.2042

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Herbert Walter Hermann e Arlei Sander Damo, « Mobilização Kaingang para a Copa 2014 – notas etnográficas a partir de Porto Alegre », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2042> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2042

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Mobilização Kaingang para a Copa 2014 – notas etnográficas a partir de Porto Alegre

Herbert Walter Hermann and Arlei Sander Damo

Introdução

- 1 Este texto, com viés claramente etnográfico, não se encaixa no modelo de etnografia convencional, na qual um pesquisador relata sua experiência de campo. Mas tampouco é uma narrativa experimental, com pretensões inovadoras. Trata-se, efetivamente, de um texto dialogado, no qual confrontamos certas expectativas que estavam na origem do empreendimento investigativo com a fluidez do tempo, a interlocução com pessoas e a concretização (ou não) de certos acontecimentos.
- 2 Uma das diferenças substantivas da etnografia – e aqui poder-se-ia falar nos mais variados estilos – em relação a outras formas de trabalho de campo nas ciências sociais tem a ver com a maneira como uns e outros lidam com o que convenciamos chamar de “hipóteses”. Hipóteses são suposições baseadas em teorias vigentes ou, se o termo teoria é demasiado incômodo a certas antropologias, então poderíamos substituí-lo por interpretações, simplesmente. No caso de boa parte das ciências sociais, vai-se a campo para testar hipóteses, razão pela qual as expressões “aplicar questionário” e “coletar dados” aparecem com relativa frequência, ao passo que nas etnografias, sobretudo as contemporâneas, tais termos parecem incongruentes.
- 3 De modo geral, a etnografia, desde suas origens modernas, sempre demonstrou uma abertura para o diálogo com seus interlocutores ou, num espectro mais amplo, para com “a realidade do campo”. Daí porque a produção textual se caracteriza pela constante reformulação das hipóteses originárias, um processo que só é concluído, não raro a fórceps, com os últimos ajustes do texto. Aquilo que para outros pesquisadores poderia ser considerado um erro de concepção capaz de comprometer a pesquisa, para os

etnógrafos é parte da rotina. Isso é tão evidente na antropologia que as exposições sobre os resultados de uma investigação seguidamente começam com relatos, quase sempre anedóticos, de como o pesquisador foi surpreendido pelos seus interlocutores, seja porque seu plano estava equivocado, porque estes não tinham o menor interesse de conversar sobre os temas propostos, porque ocorreram eventos extraordinários que forçaram a mudança nos rumos do trabalho e assim por diante. Partimos para o campo com convicções que, sabemos de antemão, serão confrontadas. Em certos casos, vamos a campo justamente com esta finalidade e, por isso mesmo, retornamos com novas perspectivas. Talvez esta não seja uma exclusividade da etnografia, sendo o nosso diferencial o fato de não fazermos segredo sobre a bricolagem interpretativa.

- 4 Tendo em vista tais horizontes, nosso texto é bastante convencional. Na origem supúnhamos ser interessante acompanhar a maneira como os coletivos ameríndios se envolveriam com a realização da Copa do Mundo no Brasil, mas muitas das nossas expectativas não se confirmaram. Na verdade, o envolvimento dos indígenas seria um viés para abordar a recepção dos megaeventos em território nacional e estava contemplado no espectro de um projeto bem amplo, cujo propósito era etnografar a mobilização da sociedade brasileira em relação à realização da Copa do Mundo 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Por envolver diversas cidades – incluindo-se sedes e sub-sedes – a Copa era o principal foco do projeto, articulado em torno de 4 eixos principais, a saber: [1] da construção e reforma dos estádios; [2] da produção discursiva; [3] dos eventos satélites; [4] da contestação.¹
- 5 O texto a seguir, subdividido em quatro partes, fala de coisas que aconteceram durante a Copa, e das que não aconteceram; fala do envolvimento sobretudo de um núcleo familiar Kaingang, incluindo suas expectativas, desejos e realizações e mostrando a partir desses uma intensa relação para além do próprio núcleo, relações essas com outros Kaingang e fóg e seus dispositivos.
- 6 No fim das contas, o texto evidencia uma questão importante, de como um coletivo ameríndio, que reivindica abertamente tal identificação, dialoga com a cidade, com as formas contemporâneas de espetáculo, com a presença da alteridade – neste caso não só de brasileiros, mas de outros estrangeiros, e por esses englobamentos busca visibilizar sua presença e destacar sua condição de protagonista na criação, e transformação, dos locais onde são engendradas e compelidas suas vidas.

Por que os “índios” poderiam se interessar pelos megaeventos?

- 7 Diversas etnografias contemporâneas destacam o enorme apreço que os coletivos ameríndios têm pelo futebol (Vianna 2001; Fassheber 2006). Isso pode ser comprovado pela adoção do jogo como uma atividade regular no cotidiano das aldeias; pelo engajamento às agremiações clubísticas tradicionais (com a assistência e a audiência dos certames nacionais e internacionais); pela apropriação de nomes de futebolistas de destaque às crianças; pelo uso ostensivo de vestimentas alusivas a clubes e à seleção brasileira, entre outros. As etnografias já realizadas entre esses coletivos destacam o interesse pelo desempenho do time da CBF, cuja participação em competições internacionais revela-se uma ocasião muito peculiar para manifestar a identificação com a nação brasileira.

- 8 Todavia, sendo a Copa realizada no Brasil, era de se esperar algo mais, ou ao menos diferente. Levando-se em consideração as formas discursivas mais estereotipadas sobre o Brasil no exterior, era razoável crer que os coletivos autóctones pudessem despertar o interesse da mídia internacional, ansiosa por retratar elementos exóticos da natureza e da cultura local. Pensando em outros megaeventos de ampla repercussão nacional e internacional, como a Rio 92, a Rio + 20 e, sobretudo, a malsucedida comemoração dos “500 anos do Brasil”, era esperado que ao menos alguns coletivos se mobilizassem para protestar contra a leniência do Estado na demarcação de territórios e no atendimento de outras reivindicações cuja agenda é sabidamente extensa. Como o projeto original era amplo, quaisquer eventos envolvendo a mobilização dos coletivos ameríndios poderiam ser incorporados à investigação, afinal este “deixar-se conduzir pelos nativos” é previsto em qualquer manual de etnografia. O eixo dos “eventos satélites” do projeto sobre os megaeventos no Brasil havia sido especialmente pensado para dar guarida aos acontecimentos imprevistos ou às margens dos jogos propriamente ditos – de fato, o que faz um evento “mega” é a articulação, em diferentes planos, de uma multiplicidade de eventos em torno de um centro (Damo & Oliven 2014).
- 9 Embora o espectro de questões fosse efetivamente extenso, estabelecemos um plano de investigação compatível com as possibilidades etnográficas. Em relação aos coletivos ameríndios, a estratégia incluía um monitoramento, via noticiário e contato com outros pesquisadores, sobre a mobilização em curso ou com potencial de ocorrer em diferentes partes do Brasil². Simultaneamente, articulamos uma estratégia de aproximação com os coletivos que estavam mais próximos, no caso aqueles que transitam pela cidade de Porto Alegre³. Como a cidade foi desde sempre cogitada e mais tarde confirmada como uma das sedes, supúnhamos que haveria intenso fluxo de turistas no período da Copa. A convicção era reforçada pela candidatura oficial de 6 subsedes no Estado, onde ficariam hospedados jogadores e comissões técnicas. A aproximação antecipada com coletivos Kaingang e Mbyá-guarani estava focada, fundamentalmente, na observação da produção e comercialização de artesanato, embora eles tivessem cogitado, em algum momento, a possibilidade de realizar turismo étnico e até protestos.
- 10 Embora a presença de coletivos ameríndios seja invisibilizada nas representações do gaúcho e, sobretudo, dos sul-riograndenses, há diversos aldeamentos no estado, além de territórios reivindicados, inclusive na capital. Distintamente da Porto Alegre descrita como uma cidade fundada por portugueses e alavancada por alemães, outros dados historiográficos e etnográficos pautados sobre este território enfatizam que se não fossem os conhecimentos pretéritos dos indígenas, a penetração dos colonizadores teria sido diferente daquela que se efetivou. A geografia política da cidade ainda abriga este conhecimento até mesmo na designação de locais que tornaram-se “bairros ou logradouros como: Ipanema, Nonoai, Itapuã, Iguatemi, Ubirici, Jarí e em uma centena de ruas” (Catafesto de Souza 2008:15) cobertas por uma camada de asfalto.
- 11 Atualmente existem ao menos sete aldeamentos⁴ e outras formas de presença indígena na cidade, como acampamentos em vilas e nas proximidades de morros com mata remanescente, que além de abrigar famílias de coletivos Kaingang, Mbyá-guarani e Charrua, são locais de referência fundamental para as parentelas que habitam as regiões do planalto e serrana, o que acaba por formar um intenso corredor comunicacional indígena entre o interior e a capital do estado, e vice-versa.
- 12 Em Porto Alegre, os aldeamentos estão localizados no eixo sul-leste e foram (re)constituídos em distintos momentos. No caso Kaingang, isso ocorreu a partir de 1990,

como aponta Aquino (2008). A aldeia mais recente fica na região leste da cidade e está sob o domínio Charrua. Há ainda outras duas aldeias sob domínio Kaingang e outras quatro sob domínio Mbyá-guarani, todas relativamente próximas umas das outras.

- 13 É fundamental informar que há outros locais de presença indígena na cidade, não organizados sob o formato de aldeamento, mas conectados embora dispersos, sob a chancela de núcleos familiares e extensos. As fronteiras da geografia política do município são claramente diluídas na circulação ainda mais intensa de pessoas em aldeias e acampamentos na região metropolitana (RMPA). Dois casos evidentes ocorrem entre os indígenas de Porto Alegre e aldeia Kaingang *Por Fi*, no município de São Leopoldo, e a aldeia “Kaingang-Mbyá” da Estiva, no município de Viamão.
- 14 Segundo as estatísticas oficiais o Rio Grande do Sul conta com uma população indígena de 32.989 pessoas (entre Kaingang, Mbyá-guarani e Charrua), algo em torno de 0,3% da população. Porto Alegre exerce papel substancial nessa estatística, pois é o terceiro município com a maior população indígena no Sul do Brasil : ao todo são 3.308 pessoas (Brasil, 2012), perfazendo aproximadamente 0,22% da população da cidade e 10% dos indígenas que habitam o Rio Grande do Sul.
- 15 Trata-se, pois, de uma cidade com indígenas em carne e osso, e de uma presença destacada muito além dos dados estatísticos. O Parque da Redenção, um dos cartões postais da cidade, abriga aos domingos o tradicional e concorrido Brique da Redenção – sobre os quais retornaremos adiante. Passear pelo Brique aos domingos pela manhã é algo que quase todos os porto-alegrenses fazem ou fizeram, sobretudo os de classe média. Numa cidade que carece de belezas naturais, o Brique é um dos lugares para onde os porto-alegrenses conduzem seus hóspedes quando desejam mostrar sua cidade. Numa das extremidades do parque, a mais concorrida delas, vem crescendo nas duas últimas décadas a presença de feirantes Kaingang e Mbyá-guarani. Impossível, pois, passear pelo Brique sem cruzar com eles e, sobretudo, sem notar que a produção artesanal vem se sofisticando, ao adequar-se às demandas do mundo dos brancos. Basta circular pelo local às vésperas de datas comemorativas, como Páscoa e Natal, por exemplo, e ver-se-á uma série extensa de adereços confeccionados com taquara e cipó adequados às demandas do mercado porto-alegrense.
- 16 Esta abertura poderia ser estendida aos turistas no período da Copa, razão pela qual a aproximação etnográfica foi realizada principalmente com os Kaingang. A pesquisa inicialmente pensou os espaços de comercialização de artesanato como “portas” de acesso ao universo indígena. Os Kaingang estavam nestes espaços em quantidade mais significativa e de forma mais recorrente que os demais coletivos indígenas e assim os contatos iniciais reverberaram mais rapidamente em interlocuções.
- 17 À sua maneira e já habituados à presença de antropólogos, os “nativos” passaram a negociar sua própria participação na pesquisa, pensando-a como plataforma possível de estar na Copa conduzindo, em parte, os próximos passos e questões do trabalho de campo.

A presença indígena no Brique da Redenção e em outros locais

- 18 Os dias ensolarados, sobretudo no inverno, ajudam a lotar praças e passeios públicos nos finais de semana porto-alegrenses, sendo o Brique da Redenção um desses espaços. A administração municipal de Porto Alegre, no ano de 1978, sob inspiração do Mercado de

Pulgas de San Telmo, em Buenos Aires, articulou com duas dúzias de artesãos uma feira ao ar livre numa das quatro avenidas que circundam o Parque da Redenção. A iniciativa ganhou força com o passar dos anos e em 2005 o Brique foi alçado à condição de patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

- 19 Atualmente, 172 expositores devidamente cadastrados pela Associação dos Artesãos do Brique (AAB) dispõem seus boxes na calçada central da Avenida José Bonifácio, em 750 metros disponíveis. Aos sábados também há comércio no local, incluindo-se uma tradicional feira de produtos agroecológicos. No entanto, o domingo é o único dia em que a avenida é fechada ao trânsito de veículos. Entre os 172 expositores há uma variedade de itens que podem ser encontrados, sejam utilitários, colecionáveis, lúdicos, decorativos ou alimentícios.
- 20 A disposição dos expositores fica de frente para uma das vias da avenida, aquela mais próxima ao parque, sendo a outra usada como *backstage*. Na área de fluxo, além de passantes, artistas de rua apresentam uma série de pequenos espetáculos, movimentos sociais organizam panfletagens ou abaixo-assinados, partidos lançam candidatos ou arregimentam filiados e assim o Brique adquire um colorido que transcende o aspecto comercial.
- 21 Um dos acessos possíveis ao Brique ocorre via Parque da Redenção, mas outros caminhos são possíveis, o principal situado num dos extremos, que dá para o bairro Bom Fim, um mercado público de mesmo nome e uma série de outros estabelecimentos comerciais, religiosos, médicos e até de segurança. Nessa extremidade, que recebe o maior fluxo de pedestres, estão os artesãos indígenas, não “oficializados” pela AAB, mas devidamente legitimados pelo poder público municipal. Diferentemente dos artesãos não indígenas, os Kaingang, Mbyá-guarani e Charrua, expõem suas mercadorias no leito da rua. A presença dos Charrua é menos frequente, ao contrário dos Mbyá e Kaingang, sobretudo destes últimos, os mais numerosos⁵.
- 22 À sombra de árvores e sob resguardo de cestos de cipó, balaios de taquara, colares de sementes, filtros de sonho, DVDs⁶ e outros artefatos não indígenas (*fóg*) pode-se encontrar alguns ilustres Kaingang, como o casal João Padilha e Iracema Rã Ga Nascimento⁷ protagonistas, e testemunhas, desse local (Jaenisch 2010; Eltz 2011).



Fotografia 1 - O artesanato do núcleo familiar de João Padilha e Iracema, à esquerda na foto, ganhou o reforço no último ano de uma estrutura de metal, ao estilo dos boxes *fóg*. Somente o artesanato em cipó e taquara fica em contato direto no asfalto; o restante está mais próximo dos olhos e mãos dos passantes. Autor: Herbert W. Hermann.

- 23 Expondo seu artesanato Kaingang a céu aberto se colocam em frente aos artesãos *fóg*, e seus *boxes*, e ao lado de outros Kaingang, ajudando a conformar e restringir caminhos possíveis. Ali, em aproximadamente três metros de asfalto, de costas para um posto de combustível, passam os domingos comercializando e dialogando com várias audiências, uns mais atentos aos entendimentos da vida e a luta Kaingang, outros nem tanto.
- 24 Atualmente, os Kaingang podem ser encontrados com regularidade em diversos espaços da cidade, além do Brique. Assim, estabelecendo relações de troca, material e simbólica, articulações entre os próprios indígenas e entre os *fóg*, como o caso do pesquisador que era convocado de maneira contundente a “oportunizar” acessos. Além de feiras, calçadas, ruas, praças e parques é possível encontrá-los em quatro espaços específicos: nas cercanias da Lomba do Pinheiro, Morro do Osso, Morro da Glória e Morro Santana, territórios afastados do centro da capital, onde comercializam artesanato e cultivam alianças externas, e próximos aos *matos* restantes da cidade, um domínio privilegiado vinculado desde o repertório de nomes, até de plantas e animais de reconhecida importância sociocultural e cosmológica para o coletivo (Silva 2002).



Ilustração 1 – Mapa da presença Kaingang em Porto Alegre. Elaborado pelos autores.

- 25 A presença Kaingang nos arredores do Morro Santana, local de residência do núcleo de João Padilha e Iracema, remonta a meados da década de 1980 e é formado por uma rede de núcleos familiares distribuídos por habitações na Vila Jardim Protásio Alves e Vila Safira (Aquino 2008; Silva et. al. 2008).
- 26 A partir desse ambiente de encontros na cidade os primeiros contatos foram iniciados, pessoas acessadas e diálogos permitidos. Não tardou para que o local de negociação *per se* fosse apenas um dos locais de diálogo na pesquisa, convites para visitar suas casas e outros em e além de Porto Alegre; os capões de *mato* na proximidade das aldeias e acampamentos; e os órgãos do poder público. Naquele instante, primeiro semestre de 2013, o assunto Copa do Mundo não era recorrente nas conversas. As intenções apreendidas eram múltiplas, iam desde o não envolvimento (alguns negando ou mesmo com postura contrária ao megaevento) até aqueles que pretendiam “pedir um espaço perto do estádio para vender [artesanato] e ver os ingressos para os indígenas⁸”, como o casal Padilha, ou outros Kaingang que pretendiam “criar um roteiro na Aldeia Lomba do Pinheiro⁹ para receber os turistas, para vender só nosso artesanato, com nosso preço”, palavras soltas de planos ainda vagos.
- 27 Os encontros no Brique renderam, em maio de 2013, um convite singular de João e Iracema: a primeira visita a FUNAI, algo novo apenas para o pesquisador convidado, pois como registrado *a posteriori* tinha certa recorrência. O convite partira da pauta Kaingang que também envolvia a Copa do Mundo, quiçá o menos importante de todos os assuntos a serem tratados. A ida era motivada por outros quatro pedidos: (1) custeamento de um depósito para o artesanato indígena comercializado pelos Kaingang em Porto Alegre; (2) a construção de um banheiro na Loja Indígena que está localizada ao lado do Brique da Redenção; (3) um computador com acesso à internet no ambiente dessa loja; e (4) a criação de um site para divulgar o artesanato Kaingang para os turistas que viriam para a Copa.
- 28 O acompanhamento ocorreu no mês subsequente e o ponto de encontro acordado foi o centro da cidade, perto do escritório da FUNAI, em uma esquina de intenso tráfego de pessoas e veículos, um caminho conhecido por João e Iracema, mas nem por isso apreciado.

Sala aberta, sem recepção, passamos pelo primeiro funcionário que nos cumprimenta sentado e ali permanece. João sem receio adentra o local, eu [Herbert] e Iracema o acompanhamos. Ele procura o coordenador do escritório, que é encontrado na última das quatro minúsculas salas juntamente com uma dezena de indígenas. A princípio a reunião “já vai acabar” e somos depositados na primeira sala que passamos. Não há cadeiras no recinto, alguns cestos de cipó e de taquara, um escaninho em desordem, um computador antigo e uma impressora ocupam o ambiente. Nas paredes, imagens de projetos anteriores, apoiados pelo órgão, um deles com os Kaingang da *Emã Por Fi* [Aldeia Kaingang em São Leopoldo/RS, na Região Metropolitana de Porto Alegre] que Iracema me esclarece ter parentes, alguns deles inclusive nas imagens.

Mal entendidos a parte, o tempo passa e permanecemos de pé. O celular do funcionário público insiste em tocar interrompendo constantemente a fala de João e Iracema. Antes sorridente, o casal começa a irritar-se; eu, apenas ouvinte, sou motivo de curiosidade do indigenista, que a todo instante me dirige o olhar como quem pergunta “quem é você? O que pretende?”. Enfim, cria-se uma comunicação tensa. A postura séria e impositiva de João, no início do diálogo, dá lugar a uma fala irônica frente aquela situação. Inúmeros subterfúgios são acionados pelo funcionário, mas a estratégia principal é a postergação.

Os trinta minutos que lá permanecemos, 25 esperando o atendimento e os demais sendo “atendidos”, são furiosamente questionados por Iracema. No elevador, reflexões deles são elucidativas de suas angústias do “diálogo” com órgão. O que era uma visita para “solução de problemas” reverberou num emaranhado de tarefas e procedimentos que estaria a cargo do casal, alguns extremamente complicados pois envolviam conversas e entendimentos com outros Kaingang, não tão “próximos”. (Trecho do diário de Campo do dia 18 de junho de 2013 – Herbert W. Hermann)

- 29 Alguns domingos se passam e o descontentamento permanece, nenhum pedido foi contemplado, o que só corrobora a percepção do casal de que se não cobrarem nada acontece. Paralelamente outros diálogos e outros convites se intensificam no final de 2013, um destes de uma das lideranças da Aldeia da Lomba do Pinheiro para que os auxilie a captar recursos para criação de um roteiro de turismo dentro da aldeia.
- 30 A proposta não surtiu o efeito desejado pelo interlocutor, pois outros arranjos internos e externos eram fundamentais. Não apenas quanto a “buscar um recurso” como salientou outras vezes, mas também em virtude do planejamento e das negociações junto às instituições que estavam aquém da pesquisa ou dos esforços possíveis dos pesquisadores em empreender um projeto dessa magnitude. Simultaneamente à proposta sobre os roteiros de turismo na aldeia, o cacique articulava o englobamento do megaevento a partir de um intenso diálogo junto a organizações indígenas¹⁰ e das relações estabelecidas junto à Prefeitura de Porto Alegre¹¹, principalmente em assegurar o protagonismo desses Kaingang frente aos demais.
- 31 Entre dezembro de 2013 e fevereiro de 2014 o campo arrefeceu em virtude das viagens realizadas por alguns interlocutores da Aldeia da Lomba do Pinheiro, principalmente para visitar os parentes nas aldeias do interior do estado e vender artesanato em cidades como Gramado e Tramandaí, a primeira localizada na serra e a segunda no litoral, sendo ambas muito visadas pelos turistas no período.
- 32 João Padilha e Iracema, em contrapartida, estavam acessíveis e ainda com o anseio de visibilizar os Kaingang durante a Copa do Mundo. Certos boatos os preocupavam, o principal era o de que não poderiam comercializar artesanato nem mesmo no Brique durante a Copa. O alarde que os angustiava fora iniciado pelos (des)entendimentos dos artesãos *fóg* com quem comercializam guirlandas e cestos de cipós, base para outros artesanatos não indígenas. Havia uma (in)compreensão sobre a Lei Geral da Copa que

estava na esfera das (im)possibilidades de comercialização de produtos apartados da lista de patrocinadores oficiais da FIFA, afinal o Brique para muitos destes artesãos *fóg* estava a cinco quilômetros do local das partidas em Porto Alegre, o Estádio Beira-Rio.

- 33 Não eram raras as situações que os Kaingang solicitavam esclarecimentos sobre os desdobramentos da Copa, e o boato sobre a interdição do Brique foi um destes. Algumas cópias desses documentos foram distribuídas aos interlocutores mais próximos e como João relatara “vamos guardar [a cópia da Lei Geral da Copa] pra gente não ser logrado”. Experientes em lidar com os laudos antropológicos, dissertações e teses, documentos de identificação pessoal, cartas denúncia¹² e inúmeros outros documentos necessários na relação com os *fóg*, os dispositivos legais eram perspectivados pelos interlocutores como mecanismos de comprovação de acessos frente às inúmeras restrições que poderiam ser impostas.

O Edital Vitrines Culturais na perspectiva Kaingang

- 34 Em março de 2014 um site que monitorávamos, o Portal da Copa, noticiou: “Edital prevê seleção de 60 mil peças artesanais para exposição e comercialização na Copa”¹³. Uma leitura rápida suscitou a imaginação de que o edital poderia ser uma saída às reiteradas solicitações Kaingang de inserção do artesanato perto do estádio, pois o acompanhamento via órgãos oficiais não surtia o efeito desejado. O edital coordenado pela Secretaria da Economia Criativa do Ministério da Cultura (SEC/MinC) em parceria com a Secretaria da Micro e Pequena Empresa (SEBRAE) tinha por objetivo convidar “os artesãos brasileiros a participarem de seleção nacional de peças artesanais para compor os estoques dos espaços do projeto Vitrines Culturais [...] durante a Copa do Mundo FIFA 2014” especialmente o “artesanato tradicional, indígena” (Brasil 2014:1-7). Informados a respeito, os interlocutores Kaingang mais próximos mostraram-se interessados, mas a efetiva participação no edital exigiria um esforço cooperativo.
- 35 A “disposição” Kaingang para colaborar com nosso projeto previa não apenas a troca de saberes, mas enredava a pesquisa em demandas de ação com o coletivo indígena. A constante exigência Kaingang apresentava, por um lado, uma *expertise* indígena em usar o fazer antropológico em termos próprios, e por outro, a possibilidade de uma reflexão sobre a condição etnográfica e do papel do antropólogo em campo. Observando outras experiências e aportes éticos e epistemológicos, *engajados* (Albert 1995) o entendimento era de que fazer valer o “pedido” Kaingang colocaria em jogo uma antropologia *implicada*, com os sujeitos e o contexto do qual fazem parte, como nos coloca o autor:
- [...] le grand mérite de l’a ‘anthropologie impliquée’ est sans conteste, au delà de son évidente pertinence éthique et politique, de contribuer à dissoudre la sempiternelle opposition entre anthropologie théorique et anthropologie appliquée au profit de l’idée, infiniment plus attractive et productive, d’une recherche anthropologique fondamentale intellectuellement et socialement investie dans la situation historique des sociétés qu’elle étudie et susceptible de mobiliser ses compétences en faveur de leur conquête de l’autodétermination (Albert 1995:118).
- 36 Assim, indo de encontro a posições que entenderiam a solicitação Kaingang como um “poluidor” da etnografia, tendo em vista que a condição “por excelência” e o afastamento necessários à observação participante estariam comprometidos, apostamos que, antes pelo contrário, tal condição de pesquisa *implicada* ofereceria uma problematização da

posição (hegemônica) entre pesquisador e pesquisados, sujeito e objeto e outras dicotomias que reforçam assimetrias ante refletir sobre estas.

- 37 Nestes termos, o intercurso da pesquisa, composto também na relação entre o edital e o casal Kaingang, aclarou sobre possibilidades da antropologia em incentivar diálogos e refletir *com* outros sujeitos (Peacock 1989) destacando a intencionalidade, os desejos e suas posições na complexa rede de relações sociais (Ortner 1996) sem apartá-las necessariamente do contexto político e histórico no qual os grupos, e o(s) pesquisador(es), estão inseridos (Albert 1995).
- 38 Concretamente, a primeira preocupação estava em “traduzir” o edital e demonstrar todos os meandros caso o casal Kaingang optasse pela inscrição, pois suas expectativas poderiam ser correspondidas apenas parcialmente. O objetivo Kaingang era comercializar o artesanato “à sua maneira”, e não apartado de seus criadores, como o documento estipulava. Além disso, havia diversos procedimentos burocráticos, desde o preenchimento do edital, a certificação da condição de artesãos¹⁴ e até a comprovação de que o artesanato inscrito para seleção teria “[...] significados que condensam na vida social dos que os produzem, considerando aí saberes tradicionais investidos ao longo do tempo” (Brasil 2014:1). O objetivo explícito do edital era reunir o(s) artesanato(s) num espaço (des)contextualizado ao encontro do entendimento essencialista que visa valorizar o status simbólico indígena como patrimônio nacional brasileiro (Carneiro da Cunha 2009).
- 39 Naquele momento, o edital era entendido pelos interlocutores como uma alternativa concreta de lançarem-se em espaços interditos. Como dito por eles posteriormente, não eram apenas os aspectos econômicos (da venda de artesanato aos turistas) ou de serem “incorporados” (como “índios brasileiros”) ao megaevento, mas também os modos de seu acionamento *cosmopolítico* (Stengers 2005) em relação a visibilização dos e entre os Kaingang, tanto em termos da possibilidade de *fala* junto a outros sujeitos, quanto da própria presença de um artesanato Kaingang específico noutros espaços, como na proximidade do estádio onde ocorreriam as partidas de futebol. A Copa do Mundo entrava no registro de mais uma possibilidade, não determinante, de fazer valer suas próprias lógicas no trato com a alteridade, mesmo que a possibilidade desenhada pelo edital, em certa medida, circunscrevia o artesanato como objeto da “cultura material brasileira”.
- 40 Assim, o edital e as demandas objetivadas para cumprimento de prazos e produção documental adentraram na rotina de pesquisa de março até julho de 2014. Os diálogos com o casal, simultaneamente às exigências normativas do dispositivo, de certa forma reconfiguraram os encontros que ocorreram, também, em três outros locais: a casa onde residem e onde foi negociado o preenchimento documental para inscrição; a *mata* do Morro Santana onde foram coletados os cipós e taquaras necessários à confecção do artesanato; e os órgãos públicos ligados ao edital, responsáveis locais do projeto Vitrines Culturais. Com base nesses três locais pode-se pensar o engendramento do edital na vida do casal Kaingang.
- 41 No espaço da casa ocorreu a primeira leitura do edital. Um apanhado de dúvidas tornou incerta a participação no projeto. Em suma, as dúvidas levantadas eram de duas ordens: (1) relativas à descontextualização do artesanato Kaingang, que o enfraqueceria como agente de comunicação com a alteridade; e (2) da dependência junto ao pesquisador que os acompanhava, que ainda deveria passar por avaliações.

- 42 A primeira dúvida decorria da própria incerteza do edital e da imprecisão das informações sobre o Vitrines Culturais. Sabia-se que as cidades-sede Manaus/AM, Recife/PE, Salvador/BA, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP e Porto Alegre/RS disponibilizariam espaços para a exposição e comercialização das peças selecionadas dentro da FIFA Fan Fest ou em “espaços culturais qualificados”. A condicionante, por parte dos interlocutores, era a garantia de que o artesanato ficaria apenas em Porto Alegre, pois a proximidade facilitaria a organização do artesanato à sua maneira e poderia incorrer em esclarecimentos aos turistas e jornalistas estrangeiros, a quem poderiam fornecer detalhes sobre a vida Kaingang na atualidade.
- 43 Outro ponto agravante foi a exigência, categórica e expressa no edital, da inclusão dos artesãos no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), algo entendido como complexo e que reforçaria a dependência junto ao pesquisador *fóg* que os acompanhava, que ainda deveria ser testado para saber se era de confiança.
- 44 Assim, para não restringir sua participação no Vitrines Culturais o casal chegou ao consenso de que era factível adotar mecanismo para minimizar tais danos e repercussões negativas no futuro. A primeira decisão foi selecionar o artesanato que tem por base o cipó e a taquara, que eram mais fortes (em sentido metonímico), como os Kaingang. Outro ponto acordado foi a integração do pesquisador em todas as etapas do processo: inscrição, envio e retirada das peças. Não menos importante foi a decisão de reforçar o domínio da “causa indígena”, convocando-o a outros eventos e vivências e orientando-o sobre com quais Kaingang dever-se-ia dialogar ou não.
- 45 Negociadas as pendências, pode-se iniciar os procedimentos junto a Casa do Artesão¹⁵ e o início do preenchimento das fichas de inscrição, uma para cada peça incluída na proposta. Um dos pontos definidos é que haveria duas propostas, uma com o artesanato em cipó confeccionado por João e outra para o artesanato em taquara confeccionado por Iracema. Com o auxílio de outros estudantes¹⁶, não vinculados ao projeto sobre megaeventos e convocados pelo casal para auxiliar no preenchimento das fichas de inscrição a geração documental obedeceu suas escolhas, desde as peças que seriam inscritas, suas respectivas quantidades e o valor de face para comercialização.
- 46 Conquanto o pesquisador e os estudantes sugerissem a inscrição de outras peças, principalmente de menor tamanho, Iracema refutava as sugestões argumentando que “não tem problema, vamos mostrar nossa cultura, se não vender lá depois levamos pro Brique”. Definitivamente o aspecto econômico não era o definidor de suas escolhas.



Fotografia 2 - Com aproximadamente 15cm de altura por 30cm de diâmetro a bandeja de taquara *Kainrú* era uma das três peças encaminhadas na proposta de Iracema. Posteriormente como foi visto no espaço dedicado à comercialização, as peças de Iracema e João estariam entre as maiores, mas nem por isto seriam as mais evidentes. Autor: Herbert W. Hermann.

A peça é formada a partir do trançado feito com vários *Vãnj* (Taquaras), podendo ser *Vãnj Hjathu* (conhecido no sul do Brasil como Taquara Mansa), *Vãnj Chjn* (Taquara Cricúma), ou *Vãnj Chá* (Taquaruçu), pois suas fibras possuem distintas qualidades: flexibilidade, resistência, dureza. O coletivo indígena Kaingang concebe o mundo a partir das características antitéticas e complementares ligadas aos gêmeos ancestrais *Kamé* e *Kainrú*. A partir desse conhecimento classificam fenômenos, seres, coisas, ideias e pessoas associadas cada qual aos demiurgos. O princípio do dualismo *Kaingang* é identificável também no artesanato: os traços compridos, associados à metade *Kamé*, e os traços redondos, associados à metade *Kainrú*, são marcas indelévels passíveis de classificação. A bandeja de taquara *Kainrú* não é apenas um objeto material, pois condensa valores e compreensões de mundo ainda hoje repassada pelos antigos aos mais jovens. Por ser uma peça com a marca redonda (padronagem estética visível na lateral) a bandeja de taquara é classificada como *Kainrú*.

A peça em questão foi confeccionada com o *Vãnj Hjathu* (Taquara Mansa), sendo que algumas tiras foram tingidas com anilina verde e vermelha, pois as tintas naturais (retiradas de certas plantas) atualmente são escassas, e com a finalidade de preservá-las os compostos sintéticos são utilizados. A taquara foi coletada pelo companheiro da artesã no Morro Santana, área com capão de mata na cidade de Porto Alegre. A escolha das taquaras é baseada nos conhecimentos dos antepassados que ensinaram sobre as variedades indicadas para cada objeto a ser criado (Descrição da Bandeja de Taquara *Kainrú* – Ficha de Inscrição Edital Vitrines Culturais, abril de 2014)

- 47 As propostas *Tú anj kré ninin iãn kré Kanhgág* (Revigorando a cultura Kaingang) com o artesanato de João e de Iracema foram ambas rejeitadas, com a única justificativa de que a pontuação recebida estava abaixo da linha de corte. A primeira fase de seleção estaria a cargo de uma comissão julgadora, formada por 12 representantes ligados aos órgãos de cultura e de turismo, que estipulariam uma nota (de 0 a 70 pontos) a partir dos seguintes critérios: qualidade técnica no processo de produção; processo criativo e valor cultural;

capacidade técnica e de produção; comerciabilidade; e responsabilidade socioambiental. Contudo, não bastasse a falta de clareza sobre os critérios de pontuação elencados, o veredito estaria condicionado a posterior aprovação pela FIFA.

- 48 Quando informados da rejeição das propostas, Iracema alertou para a incompatibilidade de julgamento das mesmas, pois no contexto local há uma imensa contribuição dela e dos seus parentes no “registro da cultura Kaingang” e que houvera um equívoco dos organizadores do edital. A compreensão do casal era de que os organizadores estavam interessados somente nos “índios da Amazônia” e que mais uma vez se justificava a visibilização da presença Kaingang no Sul do Brasil pelos próprios Kaingang e seus aliados.
- 49 Todavia, acontecimentos externos ligados a outros Kaingang, e amplamente divulgados pela mídia¹⁷, incrementaram a sensação de que a não seleção no Vitrines Culturais decorria também de uma retaliação velada aos Kaingang e que naquele momento a aprovação de projetos que os envolvesse seria vetada.
- 50 A situação com os Kaingang da região do planalto (interior) preocupava sobremaneira João e Iracema tendo em vista que ainda articulam em Porto Alegre alianças para demarcação da Borboleta, uma área no município de Salto do Jacuí/RS que é reclamada desde a década de 1980 como área de ocupação tradicional Kaingang.
- 51 Imersos também nesses assuntos, nem por isso suspenderam os trâmites para reverter o resultado negativo obtido na primeira fase de seleção das propostas. A partir de diálogos junto ao casal um engenhoso argumento foi criado tendo como base uma série de materiais sobre os Kaingang em que eram figuras centrais ou mesmo coprodutores, tais como: o documentário *Nën ä ëg vëjën nïm ti* (A mata é que mostra nossa comida); a tese de doutorado em Antropologia Social *Mrûr Jycre: a cultura do cipó* de Ana Elisa de Castro Freitas; e uma publicação da FUNAI cujo título é: *Objetos- sujeitos: a arte Kaingang como materialização de relações*, todos evidenciando o protagonismo e a relevância de João Padilha e Iracema e seu artesanato no cenário local.
- 52 O acionamento e manipulação de objetos *fóg* pelos Kaingang como *objetos de poder*, quando devidamente ressignificados, não é algo recente (Freitas 2005:140). Em suas pesquisas, a autora encontrou colares (*jãnka*) de chefes (*p’at*) Kaingang do século XIX que combinavam materiais heteróclitos incluindo diversas peças alóctones, como cartuchos de bala, e materiais extraídos do *mato*, como dentes de cateto (*ogxé*), o que não seriam indícios de “perda cultural” dos Kaingang, mas o exercício de sua criatividade e predação do Outro, daquilo que Fausto (2006) sublinha como a *tradição da transformação* dos coletivos indígenas.
- 53 Gordon (2006) etnografou contemporaneamente algo similar entre os Xicrin-Mebêngôkre, sobre o consumo dos objetos alóctones e concluiu que a reposição contínua de novos elementos adquiridos no exterior destina-se antes a “absorver a diferença do estrangeiro objetivada em sua cultura material, seu conhecimento, seus saberes, sua expressividade técnica e estética” (p.98). Os objetos alóctones ao entrarem no sistema local transformam-se em valores distintivos constituintes das pessoas. Poder-se-ia pensar o investimento Kaingang nestes termos?
- 54 A recusa inicial do projeto Vitrines Culturais¹⁸ à participação Kaingang transladou-se para um acolhimento, após a composição do recurso com os “documentos *fóg* da cultura Kaingang” e na lista final das propostas aprovadas foram incluídas duas das oito peças inscritas para o edital: a bandeja de taquara *kainrú*, de Iracema; e o canudo comprido e

redondo (*der rhor thej*) de João. Faltando um mês e meio para início da Copa restavam outras pendências para efetivar a participação e a principal delas era o número de registro no SICAB, encaminhado em abril e sem retorno. Após uma manhã inteira na Casa do Artesão, e com a mediação de um representante do órgão indigenista municipal (Secretaria Adjunta dos Povos Indígenas e Direitos Específicos), o registro no SICAB foi obtido.

- 55 Na tarde do mesmo dia o casal coletaria o cipó e a taquara, no Morro Santana¹⁹, para a confecção das peças. Além da matéria-prima, Iracema, já iniciada no xamanismo Kaingang, valeu-se da ocasião para coletar folhas de plantas (*remédio de erva*) que ativaria em Faxinalzinho/RS, na viagem que realizaria com aliadas da causa indígena. O empreendimento fora motivado após um sonho²⁰ que Iracema tivera com a mãe do cacique preso e que teria solicitado a ela que levasse *remédio de erva* para acalmar os parentes do interior, que sofriam com a prisão de suas lideranças.
- 56 O mês turbulento ainda traria mais surpresas aos interlocutores. A participação destes na Copa do Mundo não estaria restrita ao edital que o grupo de pesquisa auxiliara. O arranjo da Secretaria Adjunta dos Povos Indígenas e Direitos Específicos (SAPIDE), da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) junto aos organizadores do Acampamento Farroupilha Extraordinário para Copa do Mundo (AFECM)²¹ visava conceder um espaço para comercialização de artesanato, e nada além disso. João Padilha e Iracema, além de outras lideranças indígenas em Porto Alegre, foram chamados e contrariando as expectativas (e anseios) dos órgãos, preferiram montar um acampamento, dentro do Acampamento Farroupilha, do que dispor seu artesanato dentro de um box no pavilhão de artesanato.

O acampamento Kaingang na Copa do Mundo

- 57 Quase como reflexo da atual situação fundiária indígena no Sul do Brasil, os Kaingang, com alguma luta, recebem 30m² dos 65 hectares utilizados pelo Acampamento Farroupilha Extraordinário para Copa do Mundo (AFECM), em Porto Alegre. De mais a mais, foram devidamente avisados de que o espaço não era apenas para seu uso, mas também de outros, Mbyá-guarani e Charrua se estes assim desejassem. Além de artesanato indígena e os documentários em DVD providenciados pelo SAPIDE, nada mais deveria ser comercializado. Em contrapartida, um toldo seria emprestado pela SDR, com montagem sob responsabilidade dos Kaingang.
- 58 Um dia após a abertura oficial da Copa, uma sexta-feira chuvosa em Porto Alegre, João Padilha e Iracema são localizados no AFECM. Além deles, outro casal Kaingang arrumava o ambiente. Valdemar Vicente *Tokfyn* e sua companheira desembarcaram no local vindos da Terra Indígena Kaingang de Iraí, distante 500 km da capital.



Fotografia 3 - Iracema ao centro e João à esquerda não cessam a trama em cipó, um pouco mais contentes após a doação da lona prateada e o empréstimo da barraca pelo indigenista do SAPIDE. A companheira de Valdemar, à esquerda, ainda preocupada com a situação, pois estava reticente sobre a vinda a Porto Alegre para venda do artesanato. Autor: Herbert W. Hermann.

- 59 A presença desses outros Kaingang incrementou, no dia anterior, contendas entre os funcionários públicos “responsáveis” pela presença indígena no AFECM. Por um lado, os defensores da presença de núcleo familiares Kaingang do “interior”; por outro, os defensores de que o espaço seria legítimo apenas aos núcleos familiares residentes em Porto Alegre. O principal receio do órgão público municipal era que a estrutura disposta não oferecesse condições para a permanência temporária de qualquer família no local, pensado apenas como espaço de venda e não como alojamento.
- 60 A vinda a Porto Alegre não foi por acaso, ou intuição comercial, mas houvera um convite meses antes por parte de funcionários ligados a SDR, que se encaminharam a aldeias do planalto convidando os artesãos Kaingang a comercializarem na Feira da Agricultura Familiar Sabor Gaúcho (FAFSG)²², em Porto Alegre, que comporia junto com o Quiosque Brasil Orgânico Sustentável²³ a estrutura no Cais do Porto chamada de Paradoiro Gaúcho.
- 61 O ex-cacique de Iraí, Valdemar, além da companheira trazia consigo um de seus filhos; o casal venderia artesanato no AFECM e o filho cuidaria do box cedido a estes no FAFSG. A comercialização nos dois espaços exigiu da família empenho na confecção de mais de uma centena de filtros de sonhos, casinhas para passarinho, arcos e flechas (de tamanho reduzido), colares de semente e tantos outros artefatos em cipó e taquara. Cristiano, o filho do casal, que ficara encarregado de vender no espaço cedido no Paradoiro Gaúcho relatara que:
- Eles [SDR] foram lá em casa e falaram com o pai [Valdemar] para vender artesanato aqui em Porto Alegre. A gente vem porque é bom pra vender, mas dessa vez tá bem fraco.
- Eu [Herbert] passei no acampamento e falei com teu pai e tua mãe e eles vão dormir lá e tu vai dormir onde?

Uma missionária convidou eu e o Merongue [representante dos Mbyá-guarani de Mato Preto] pra ficar lá na casa dela, na Glória [bairro na zona sul], é bom porque ela dá café da manhã. O ruim é que tamo almoçando quando vendemos alguma coisa.



Fotografia 4 - Funcionários do SDR inspecionavam o Paradoiro Gaúcho duas vezes por semana, como observado certa vez, preocupados com a “apresentação do espaço” e do “material de divulgação”. Autor: Herbert W. Hermann.

- 62 A expectativa de realizar boas vendas era elevada antes do megaevento, o que estimulou o casal João e Iracema a chamar parentes do interior para compor o quadro de artesãos Kaingang no AFECM, como relatou Zilio²⁴ dias após sua vinda para comercializar na Copa do Mundo. Com a presença de sua irmã no AFECM, Iracema sentiu-se compelida a passar mais tempo no local, enquanto seus filhos e o filho de sua irmã passavam as tardes e parte das noites no espaço da Fifa Fan Fest, assistindo aos jogos e, sempre que possível, indo às festas no centro da cidade.
- 63 Assim que as partidas iniciaram, alguns ingressos começaram a circular entre os Kaingang, uma parte expressiva deles obtidos pelo cacique da Aldeia da Lomba do Pinheiro em virtude de seu diálogo junto a uma organização indigenista, outra parte negociada diretamente pelos próprios Kaingang. Um dos pontos-chave na interlocução dos pesquisadores com João Padilha e Iracema ocorreu em virtude da disponibilização de dois ingressos para os filhos mais velhos do casal.
- 64 O segundo jogo da Copa em Porto Alegre era esperado com expectativa²⁵, inclusive por Katumé e Karindé, que enfim poderiam ir pela primeira vez ao estádio e ver de “perto” os jogadores que acompanham pela televisão²⁶. Trajando uma camisa de futebol de um clube chileno, disponibilizada há um ano pelo pesquisador²⁷, Katumé surgira no Brique da Redenção com roupas “novas” para ir ao jogo. A escolha não era fortuita e estava ancorada nas observações que fizera da transmissão televisiva no domingo pretérito, afinal, como relatara, “vou estar sozinho lá”, mesmo que acompanhado pelo pesquisador. A invisibilização foi um recurso utilizado, a ponto de solicitar a camisa do Sport Clube Internacional que o pesquisador trajava.

- 65 Enquanto percorriam o Caminho do Gol²⁸ Katumé solicitou ao pesquisador que realizasse fotografias suas para “colocar no face[book]” posteriormente.



Fotografia 5 - O abraço de boas vindas de Katumé ao estrangeiro quase custou dez dólares ao pesquisador, mas após reiterados pedidos ao australiano a cobrança foi suspensa. Autor: Herbert W. Hermann.

- 66 Capturando uma ínfima parte da conversa, o instante imagético mostra o abraço de aproximação de Katumé ao estrangeiro (exótico), mas o que a imagem não permite evidenciar foi o desenrolar dessa aproximação. Avistado de longe por Katumé, o australiano foi acompanhado de perto por um quilômetro, percebendo-o como amigável, pois concedia fotos a aqueles que solicitavam; o Kaingang troca palavras em português com o estrangeiro, não obtendo resposta alguma. Intrigado com o ocorrido, questiona sobre o silêncio do estrangeiro e se seria possível a realização de uma foto. Após trocas de palavras em inglês entre o pesquisador e o personagem australiano é dissolvida a intenção do segundo em cobrar “*ten bucks*” (dez dólares) pela foto com Katumé. Após a foto, o caminho é percorrido no mais absoluto silêncio.

A indisponibilidade de acompanhar Katumé dentro do estádio era um dos principais complicadores, pois havia apenas um ingresso e o pesquisador o aguardaria nos portões que cercavam o estádio. Durante o tempo que permaneceu dentro do estádio utilizou a filmadora do projeto de pesquisa para registrar lances da partida e principalmente os

jogadores que em outras ocasiões citara.



Fotografia 6 - Das 13 imagens capturadas por Katumé dentro do estádio a mais apreciada era essa em que o futebolista Robben bate palma ao público presente. Autor: Katumé.

- 67 O que poderia passar despercebido num primeiro momento, como apenas mais uma imagem qualquer de um futebolista, e observado cuidadosamente pode revelar a íntima relação dos indígenas com o futebol. No canto inferior esquerdo está Robben, jogador da seleção holandesa, o centro da imagem deveria deslocar-se para o jogador altamente valorizado pelos jovens Kaingang devido a sua habilidade com a bola. Durante as visitas na casa de João Padilha e Iracema, Katumé e os irmãos deixavam a trama em cipó para outro momento para acompanhar os jogos televisionados. Costa (2013) enfrentou situação parecida em seu trabalho de campo no Alto Xingu, com os Kalapalo, que tratavam de ligar os geradores no horário dos jogos de futebol televisionados.
- 68 O (re)encontro ocorreu somente após o final da partida num dos portões externos. Indagações sobre sua experiência são respondidas com uma ou duas palavras durante o caminho de volta, bem menos excitante. Nas proximidades do AFECM o interlocutor reflete:
- [...] eu [Katumé] prefiro ver o jogo na televisão, mas a coisa boa é que tem muita mulher bonita, tinha uns piás [homens jovens] atrás de mim que não pararam de mexer com duas gurias [mulheres jovens] na minha frente, mas gostaram, parece uma festa né? Todo mundo tirando foto de celular, com roupa nova, relógio bonito.
- 69 Iracema aguardava o filho e não deixa de indagá-lo sobre sua primeira experiência assistindo a um jogo de futebol no estádio, assim como o pesquisador recebe palavras rápidas, o interesse de Katumé se dirige a Maurício, filho da irmã da mãe, e em Kaingang risadas e muita empolgação são externalizadas, quando questionados pelo pesquisador sobre o motivo das risadas prontamente respondem “vamos ver as gurias no telão [Fifa Fan Fest]”. Pelo visto a festa iria longe.
- 70 Solicitando sua camiseta do *Universidad* e devolvendo a do Inter se despede momentaneamente de todos, pois pretende assistir a outros jogos e ver outras pessoas sob a companhia de Maurício. Zilio, Nilda e Iracema, sem indagá-los sobre o horário de retorno, continuam a compartilhar o chimarrão em volta da fogueira, abastecida com os galhos caídos das árvores que foram apanhados no próprio acampamento.

- 71 No dia seguinte, a cinza que encobria os tocos de madeira chamuscados suscitou algumas confissões dos mais jovens. Assim que os portões da Fifa Fan Fest se fecharam, tarde da noite, Katumé e Maurício acompanharam a multidão de estrangeiros e locais, rumo à Cidade Baixa, bairro boêmio de Porto Alegre, aproveitando o ensejo para se divertir e se visibilizar, de outra forma, no espaço festivo da rua²⁹.

Oh Herbert porque não foi com a gente lá no telão [Fifa Fan Fest]? Tava bom, tava uma festa. Quando acabou a gente foi junto com a banda [provavelmente dos torcedores holandeses] na Cidade Baixa. A piçada tava tudo louca, confundiram nós com os Chileno daí a gente falou em Kaingang e não entendiam nada, as gurias tavam querendo os turistas, a gente enganava elas falando Kaingang e elas achando que a gente era chileno (Risos)

Mas que horas vocês voltaram pro acampamento?

Era de manhã, mas antes da gente voltar pra cá [AFECM], a gente foi no centro a pé, entrou nos baile, em várias festas. Era quase cinco horas quando encontramos umas índias [Kaingang] de Farroupilha que vieram pra cá, pra fazer festa. Uma delas tinha recebido o dinheiro da demissão e tava com bastante, daí ficamos lá, dançando com elas, se divertindo e elas pagando cerveja pra gente. O Maurício foi com duas delas pro [Aldeia] Morro do Osso e eu vim com uma pra cá.

- 72 A jovem ainda dormia na barraca montada embaixo do toldo do acampamento Kaingang, um tanto encabulada recusava a sair, mesmo com os pedidos insistentes de Katumé para que fosse à Aldeia do Morro do Osso e entregasse o cartão de passagem dele para Maurício, pois estava sem dinheiro e dependia do transporte coletivo para retornar ao AFECM.
- 73 O artesanato enviado para o Vitrines Culturais retorna em igual quantidade, após duas ou três visitas mal sucedidas à Casa do Artesão e outras tantas ligações e e-mails aos organizadores do edital. Bandejas de taquara *kainrú*, canudos e outros artefatos em cipó ainda podem ser encontrados aos domingos no Brique. Valdemar e sua companheira permaneceram cinco dias no AFECM, enquanto Cristiano ficou três a mais que seus pais, sempre no espaço FASFG, no Cais do Porto. Com as vendas aquém da expectativa, em ambos os locais³⁰, no início da segunda semana não foram mais localizados em Porto Alegre. A Copa em termos econômicos foi um desastre para os Kaingang. Durante as três semanas que comercializaram no AFECM, João e Iracema arrecadaram apenas 60 reais, com a venda de duas peças de cipó compradas por um dos piquetes que compunham o acampamento. João e Iracema venderam menos também no Brique, que teve menos movimento durante a Copa do que nos finais de semana convencionais. Um dos concorrentes era o espaço da Fifa Fan Fest que lotava aos domingos com o público que (geralmente) frequentava o Brique. Segundo o levantamento realizado a partir dos diários de campo o melhor domingo de vendas de João e Iracema durante a Copa não superou o pior domingo de vendas do mesmo período no ano anterior.

Considerações finais

- 74 Talvez tenhamos superestimado, na origem, as possibilidades dos megaeventos, um pouco mistificados pela publicidade – oficial e não oficial – e até pela literatura acadêmica. Como no filme dos uruguaios César Charlone e Enrique Fernández “O Banheiro do Papa”, a Copa gerou mais expectativas e controvérsias do que realizações concretas. Em muitos aspectos, o envolvimento dos coletivos ameríndios com a Copa ficou aquém das nossas expectativas, mas não por desinteresse deles. Pelo menos no caso de Porto Alegre, alguns

aspectos objetivos contribuíram para o esvaziamento dessa interação, mas nem por isso deixaram de ser significativos.

- 75 O modelo de disputa da primeira fase da Copa adotado pela FIFA, exigindo que as delegações se deslocassem permanentemente – nenhuma equipe jogou duas vezes na mesma cidade na primeira fase –, forçou-as, por questões logísticas, a se estabelecerem em subsedes mais centralizadas, notadamente na região Sudeste. A localização geográfica de Porto Alegre, situada num dos extremos do país, fez com que apenas uma das 6 subsedes credenciadas no Rio Grande do Sul fosse utilizada, e mesmo assim por uma seleção que não avançou na competição – a equatoriana. À exceção de uma noite ou duas, durante a passagem dos holandeses e argentinos pela cidade, Porto Alegre foi apenas uma cidade onde os turistas estiveram para assistir aos jogos, deslocando-se do aeroporto ao hotel e dali até o estádio, e depois fazendo o caminho inverso. O clima frio e chuvoso de inverno, a distância do mar e a ideia de que a cidade e o estado, bem como seus habitantes, tenham proximidade com a Europa em nada contribuiu para atrair turistas, afinal este não é o imaginário de Brasil veiculado entre os estrangeiros.
- 76 As intensas manifestações ocorridas durante a Copa das Confederações, um ano antes, tornaram ambíguos os significados do megaevento junto ao espectro mais amplo da população. Os protestos que ocorreram em Porto Alegre às vésperas e mesmo durante a Copa estavam atravessados pelo que havia ocorrido um ano antes e neles as demandas dos coletivos ameríndios não se sobressaíram. No fim das contas, eles acompanharam a Copa realizada no Brasil como se ela tivesse sido realizada em qualquer outra parte do mundo, salvo exceções.
- 77 Neste caso, a etnografia iniciada com os coletivos Kaingang, Mbyá-guarani e Charrua no Brique da Redenção, foi simultaneamente se abrindo e se fechando. Fechando-se na medida em que fomos levados – especialmente Herbert, que conduziu o trabalho de campo propriamente dito – a estreitar os laços com os Kaingang, mais numerosos e mais afeitos ao comércio de artesanatos, e na sequência com uma família de lideranças. De outra parte, o olhar foi sendo ampliado, pois de um interesse pontual, circunscrito à produção e comercialização artesanal, avançamos para uma série de questões envolvendo o deslocamento constante das lideranças Kaingang pela cidade, seja em termos de espaços físicos – como os locais de coleta de matéria-prima ou de venda de mercadorias –, de relações políticas – na FUNAI, Prefeitura, Casa do Artesão etc. – e mesmo através de um mundo que não tem propriamente uma existência real, como é o caso da burocracia, com a qual foi preciso lidar no momento em que o casal João Padilha e Iracema foi informado e auxiliado a participar do edital do MinC.
- 78 Nossos interlocutores revelaram suas habilidades e também suas dificuldades em lidar com a modernidade representada, neste caso, pela cidade, pela burocracia e pela promessa não cumprida de um megaevento. Talvez porque a convivência com os *fóg lhes* tenha preparado o espírito a não apostar em promessas, João e Iracema mostraram-se resignados diante do fracasso das vendas, incluindo-se as mercadorias que foram disponibilizadas para tal a partir do edital Vitrines Culturais. Em todo caso, João e Iracema sempre trabalharam com a hipótese de que a mobilização, se fracassada no plano comercial, poderia render-lhes dividendos políticos e assim consolidar sua liderança. A visibilização da “causa” Kaingang sempre foi um motivo importante em suas ações, embora o diálogo tenha ficado restrito, em grande medida, aos interlocutores convencionais. Melhor sorte tiveram Katumé e Karindé, que estiveram entre os privilegiados com acesso aos jogos e outras atividades que o evento proporcionou.

Também eles manipularam sua identidade Kaingang, mas num registro um tanto diverso de seus pais.

BIBLIOGRAPHY

- ALBERT, Bruce. 1995. "Anthropologie appliquée ou `anthropologie impliquée?": Ethnographie, minorités et développement". In: J.F. Baré, (org.) *Les applications de l'anthropologie. Un essai de réflexion collective à partir de la France*. Paris: Karthala.
- AQUINO, Alexandre de Magno. 2008. *Ën ga uyg ën tóg* ("nós conquistamos nossa terra"): os Kanhgág no litoral do Rio Grande do Sul. Brasília: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UnB.
- BRASIL. 2012. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2010 – Características gerais dos indígenas: Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE.
- BRASIL. 2014. Edital Vitrines Culturais – Edital nº 002 de 21 de fevereiro de 2014. Secretaria da Economia Criativa do Ministério da Cultura. Brasil. Brasília: MinC.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- CATAFESTO DE SOUZA, José Otávio. 2008. "Territórios e Povos Originários (Des)velados na Metrópole de Porto Alegre". In: Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas/Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana/Prefeitura Municipal de Porto Alegre. *Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre.
- COSTA, Carlos Eduardo. 2013. *Ikidene Hekuqu. Uma etnografia da luta e dos lutadores do Alto Xingu*. São Carlos: Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFSCar.
- DAMO, Arlei Sander e OLIVEN, Ruben. 2014. *Megaeventos esportivos no Brasil – um olhar etnográfico*. Campinas: Autores Associados.
- ELTZ, Diego Duarte. 2011. *Corporalidades Kanhgág: as relações de Pessoa e Corpo no Tempo e Espaço Kanhgág*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRGS.
- FASSEBER, J. R. M. 2006. *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. Campinas: Tese de Doutorado em Educação Física, UNICAMP.
- FAUSTO, Carlos. 2006. "Prefácio: A indigenização da mercadoria e suas armadilhas." In: GORDON, Cesar. *Economia Selvagem: Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre*. São Paulo: UNESP.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. 2005. *Mrür Jykre: a cultura do cipó – territorialidades Kaingang na bacia do Guaíba*. Porto Alegre: Tese de doutorado em Antropologia Social, UFRGS.
- GORDON, Cesar. 2006. *Economia Selvagem: Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre*. São Paulo: UNESP.
- JAENISCH, Damiana B. 2010. *A arte Kaingang da produção de objetos, corpos e pessoas: Imagens de relações nos territórios das Bacias do Lago Guaíba e Rio dos Sinos*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRGS.
-

- ORTNER, Sherry B. 1996. “Toward a Feminist, Minority, Postcolonial, Subaltern, etc., Theory of Practice”. In: ORTNER, Sherry B. *Making Gender. The Politics and Erotics of Culture*. Boston: Beacon Press.
- PEACOCK, John L. 1989. *El enfoque de la antropología. Luz intensa, foco difuso*. Barcelona: Herder.
- SILVA, Sérgio Baptista da, et. al. 2008. “Coletivos indígenas em Porto Alegre e regiões limítrofes”. In: GEHLEN, I; SILVA, M. B.; SANTOS, S. R. (org.). *Diversidade e proteção Social: estudos quantitativos das populações de Porto Alegre*. Porto Alegre: Century.
- SILVA, Sergio Baptista da. 2002. Dualismo e cosmologia kaingang: o xamã e o domínio da floresta. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, no. 18.
- STENGERS, Isabelle. 2005. “The cosmopolitical proposal”. In: LATOUR, B.; WEIBEL, P. (Org.). *Making things public: atmospheres of democracy*. Cambridge: MIT Press, pp. 994-1003.
- VIANNA, Fernando de Luiz Brito. 2008. *Boleiro do Cerrado: Índios Xavantes e o Futebol*. São Paulo: Annablume; Fapesp; ISA.

NOTES

1. O projeto “Megaeventos Esportivos no Brasil – uma perspectiva etnográfica” possui financiamento do CNPq, através do Edital 18/2012 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.
2. A ONG Centro de Apoio Sócio Ambiental do Brasil (Casa-BR) em parceria com a Oscip Guarany *Teko Nemoingo* apresentou em 2013 dois projetos ao governo do Paraná para visibilizar a cultura indígena durante a Copa. Disponível em: <http://www.gazeta24horas.com.br/portal/?p=25402>.
3. A pesquisa de campo foi realizada entre março de 2013 e setembro de 2014.
4. Nem todos os aldeamentos são reconhecidos plenamente pelo poder público municipal, por ainda ser objeto de contenda e disputa de múltiplos interesses, como o caso da Aldeia Kaingang do Morro do Osso (*Emã Topê Pên*), que enfrenta o desabono da “vizinhança” dos bairros nobres e dos preservacionistas do Parque Natural do Morro do Osso (PNMO – Lei complementar nº 334/1994), onde constituíram a aldeia (AQUINO, 2008).
5. O número de artesãos indígenas pode variar exponencialmente conforme a época do ano. Eventos como a Páscoa, e sua proximidade com a Semana do Índio, e o Natal atraem várias dezenas de famílias vindas do planalto (interior) para a região da bacia do lago Guaíba (capital e cidades da Região Metropolitana). Registrou-se no final de semana da Páscoa de 2013 aproximadamente 70 núcleos familiares indígenas comercializando apenas no Brique, um número expressivo se comparado aos modestos 15 a 20 núcleos que comercializam na maior parte do ano. Outro dado importante é que destes, dois terços ou mais se autodenominam Kaingang.
6. *Nên ä ěg vĕjĕn nĭm tí* (A mata é que mostra nossa comida) é um dos documentários, também, vendido pelos Kaingang nas feiras e eventos que participam. Realizado em 2010 com o apoio institucional do Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas (atual Secretaria Adjunta dos Povos Indígenas e Direitos Específicos) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre tornou-se ao lado das cestas e outras peças artesanais uma evidência incontestada da capacidade criativa dos Kaingang em relacionar-se com a alteridade, especialmente não indígena. No decorrer do artigo será mostrado como este material foi utilizado como uma “arma” e possibilitou, na perspectiva dos próprios Kaingang sua entrada em espaços interditos pela FIFA.

7. Aquino (2008) nos relata que em 2002 cerca de dezenove famílias kaingang residiam no terreno de não mais de 750m² e dali deram início à formação da Aldeia da Lomba do Pinheiro na zona leste de Porto Alegre.

8. Entre abril de 2013 e o início da Copa do Mundo inúmeras vezes fomos questionados sobre os ingressos gratuitos que seriam doados pela FIFA aos indígenas; o receio era ficar de fora, pois “não vai ter ingresso pra todo mundo” (João Padilha). A Lei Geral da Copa (nº 12.663) aprovada em 05 de junho de 2012 em seu capítulo V, artigo 25, parágrafo 12 estabelecia que “os ingressos [...] para indígenas serão objeto de acordo entre o poder público e a FIFA” o que aconteceu no final daquele ano, quando o então secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, anunciou que a entidade iria doar 50 mil ingressos a beneficiários do Bolsa Família e indígenas. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2012/11/valcke-anuncia-que-fifa-distribuira-50-mil-ingressos-gratuitos-para-a-copa-2014-3965440.html>

9. No início de 2003, após muito diálogo, o poder público municipal adquiriu uma área de 7 hectares na Lomba do Pinheiro para ocupação Kaingang e homologou como área de interesse cultural pela prefeitura. O território é composto por uma aldeia que abriga 40 famílias nucleares que estão ligadas por laços de parentesco e reciprocidade com a aldeias do planalto e outras cidades do interior do RS.

10. O atual cacique faz parte do quadro de jovens lideranças da Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (ARPINSUL) que tem por objetivo desenvolver meios para a valorização indígena.

11. A conquista da “primeira cozinha comunitária construída em uma aldeia do Estado” (vide notícia a seguir) é elucidativa desse movimento englobante da Aldeia da Lomba do Pinheiro. Notícia PMPA: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=159994&ALDEIA+KAIGANG+RESGATA+TRADICAO+COM+COZINHA+COMUNITARIA.

Acesso em: 30 de agosto de 2014.

12. No final da reunião do Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI), em 2013, houve um intenso movimento das lideranças indígenas participantes em mobilizar os indigenistas a pôr no papel os discursos proferidos em nome de suas áreas (comunidades), durante a reunião. Neste caso a autoria do documento era coletiva, mesmo que a *fala* tenha sido proferida pela liderança.

13. O edital Vitrines Culturais foi divulgado na última semana de fevereiro no Portal da Copa, um dos sites que eram monitorados antes do megaevento esportivo. Todavia, o conhecimento do edital e comunicação deste aos Kaingang ocorreu apenas em março o que possibilitou inscrever apenas as propostas de João Padilha e de Iracema. Notícia em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/edital-preve-selecao-de-60-mil-pecas-artesanais-para-exposicao-na-copa>. Acesso em 28.03.2014.

14. O capítulo terceiro, artigo sétimo, parágrafo único do edital expressa a necessidade do cadastro do artesão no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB); sem este documento a condição da própria inscrição seria vetada.

15. Ligada à Fundação do Trabalho e Ação Social (FGTAS) e Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul (STDS) a Casa do Artesão era o ponto de referência no RS para os trâmites junto ao projeto Vitrines Culturais organizado pelo SEC/MinC.

16. Graduandos em Ciências Sociais e ambos bolsistas de iniciação científica vinculados ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT), da UFRGS.

17. No dia 28 de abril de 2014 foi noticiada a morte de dois agricultores no noroeste do Rio Grande do Sul após desentendimento sobre o bloqueio de uma estrada pelos Kaingang, acusados sem prova de assassinato. O conflito fundiário na região do município de Faxinalzinho/RS foi acentuado nos últimos anos em função do posicionamento titubeante do Ministro da Justiça e da FUNAI para dar continuidade ao processo de levantamento fundiário para indenização dos agricultores situados nessa zona, o que restringe os demais procedimentos necessários para a demarcação da terra indígena. Vide notícias: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/>

noticia/2014/04/dois-agricultores-sao-mortos-em-suposto-confronto-com-indigenas-no-norte-4486655.html.

18. Divulgado em 12 de maio de 2014 em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/minc-publica-resultado-final-do-edital-artesanato-nos-jogos-2014/10913.

19. É uma área do patrimônio da União, sob responsabilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). De acordo com a lógica preservacionista que acentua a dicotomia natureza e cultura, foi definida em 2003 que a área seria uma Unidade de Conservação e que não seria permitido o trânsito de humanos no local. Atualmente, e após longo debate e investimentos por parte de cientistas sociais e dos indígenas, a circulação e o manejo vegetal são permitidos; vide a concessão de uma Carteira emitida pelo NIT/UFRGS.

20. O sonho como gatilho cosmopolítico Kaingang foi descrito em outras pesquisas (JAENISCH, 2010; ELTZ, 2011). Aquino (2008) traz um relato contundente sobre a relevância do sonho na vida Kaingang, em virtude da retomada do Morro do Osso em 2003. O estabelecimento e luta Kaingang para legitimação de sua presença transcorreram, também, a partir de um sonho da kujà (xamã) Lurdes *Nimpre* da Silva com “um pajé que havido morrido em uma ‘guerra’ entre índios e brancos” (p.63) no passado e ainda vagava naquele local, o que desencadeou uma série de ações por parte dos demais Kaingang.

21. No dia da abertura da Copa do Mundo no Brasil o espaço organizado conjuntamente entre o governo municipal e estadual já recebia seus primeiros visitantes. <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2014/05/acampamento-farroupilha-extraordinario-para-a-copa-ja-recebe-os-primeiros-ocupantes-4511407.html>.

22. Realizado com recursos do Programa Estadual de Agroindústria Familiar da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do RS (SDR) e com apoio do SEBRAE e Secretaria do Turismo. Entre os expositores da agricultura familiar três boxes de aproximadamente 3 m² cada foram cedidos à “sustentabilidade” indígena, um para cada coletivo ameríndio no Rio Grande do Sul. Além dos Kaingang de Iraí, o segundo ficou com um núcleo familiar da Aldeia da Lomba do Pinheiro e terceiro sob os cuidados dos Mbyá-Guarani. Disponível em: <http://www.copa2014.rs.gov.br/conteudo/3992/paradouro-gaucha-destaca-roteiros-turisticos-durante-a-copa-do-mundo>.

23. Sob a chancela do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

24. Zilio *Jagtyg* Salvador, casado com Nilda Nascimento, irmã de Iracema, foi o primeiro cacique da Aldeia da Lomba do Pinheiro e uma das principais figuras no reconhecimento da presença Kaingang na cidade de Porto Alegre. Após divergências com outros Kaingang perde o cacicado e muda-se para a Terra Indígena da Serrinha, onde reside até hoje. A T.I. Serrinha fica a caminho do município de Faxinalzinho/RS.

25. Em parte devido a organização da *Orange Square* pela Federação de Futebol Holandesa e anunciado pela mídia local um mês antes da partida: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/05/holandeses-farao-concentracao-em-porto-alegre-antes-de-jogo-da-copa.html>.

26. Desde a primeira visita à casa de João e Iracema é difícil manter um diálogo com seus filhos, pois a concorrência da SPORTV, do pacote que assinam de TV fechada, é imbatível. Gentilmente, convidavam para ver as partidas de futebol e não deixavam de enfatizar os melhores jogadores (fortes e habilidosos). CAE...

27. Entre os itens disponibilizados durante a pesquisa os mais valorizados eram as camisas de futebol de clubes do exterior. A camisa do *Club Universidad do Chile* disponibilizada por Herbert em 2013, durante os contatos iniciais com os Kaingang no Brique, era avistada com regularidade compondo os trajes de Katumé.

28. A prefeitura de Porto Alegre preparou um trajeto de 3,5 quilômetros ligando o Centro Histórico da capital até o estádio Beira-Rio. <http://placar.abril.com.br/blogs/los-gringos/2014/06/30/caminho-do-gol-e-a-nova-sensacao-de-porto-alegre/>

29. A noite do “arrastão” holandês e australiano em Porto Alegre foi amplamente noticiada na mídia. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/apos-jogo-banda-holandesa-faz-arrastao-pelas-ruas-de-porto-alegre.html>.

30. Cristiano vendeu em média 20 reais por dia no FASFG e no AFECM e em apenas dois dos cinco dias ocorreram vendas. Somadas as expectativas de vendas em Gramado, que num sábado e domingo poderia superar mil reais.

INDEX

Keywords: Kaingang, Porto Alegre, World Cup, spectacle, city

Palavras-chave: Copa do Mundo, espetáculo, cidade

AUTHORS

HERBERT WALTER HERMANN

Mestrando do PPG em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Correio eletrônico: herbertwh@gmail.com.

ARLEI SANDER DAMO

Doutor em Antropologia Social e professor do PPG em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Correio eletrônico: arleidamo@uol.com.br.